

CONTRIBUIÇÕES DE RUTH BENEDICT PARA O DEBATE EDUCACIONAL

Amurabi Oliveira ¹

INTRODUÇÃO

A relação entre a antropologia e a educação é marcada por inúmeras tensões (Gusmão, 1997), especialmente em determinados debates, como aquele que envolve a apropriação da etnografia nas pesquisas educacionais (Valente, 1996; Oliveira, 2013, 2023). Todavia, é necessário enfatizar que desde o surgimento das primeiras pesquisas antropológicas, a reflexão em torno dos processos de ensino e de aprendizagem colocam-se no centro das atenções dos antropólogos, algo ainda mais evidenciado nos trabalhos de Franz Boas (1858-1942), Margaret Mead (1901-1978) e Ruth Benedict (1887-1948), vinculados à chamada escola culturalista.

Ainda que os trabalhos de Mead e de Boas ganhem mais proeminência quando nos referimos às pesquisas sobre educação em antropologia, algumas das obras mais emblemáticas de Benedict como *Padrões de Cultura* (2005 [1934]) e *Crisântemo e a Espada* (1972 [1946]) possuem uma parte significativa dedicada à análise dos processos de aprendizagem, algo realizado por meio de um amplo diálogo com a ideia de padrões culturais. Também se destaca em sua obra as contribuições para o debate sobre

Neste trabalho, busco analisar as contribuições do trabalho de Ruth Benedict para o campo educacional, refletindo de forma mais ampla sobre a contribuição desse trabalho para a formação de professores. Qual o lugar da antropologia, e mais especificamente da obra de Benedict, na formação de professores?

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de um trabalho teórico que dialoga com a revisão bibliográfica na área, examinando em profundidade a obra de Benedict, assim como a bibliografia que trata da antropologia educacional e de seu lugar na formação de professores.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, amurabi.oliveira@ufsc.br;

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho dialoga diretamente com os trabalhos sobre antropologia e educação (Gusmão, 1997, 2009; Oliveira, 2017; Rosistolato, 2018; Couceiro & Rosistolato, 2022), assim como com a própria antropologia cultural possibilitando que situemos a obra de Benedict.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de seu reconhecimento no campo da antropologia, sua contribuição ao debate educacional é pouco conhecida, ainda mais se compararmos com o legado de Boas e Mead. Todavia, seria um equívoco indicarmos que Benedict ignorou esse debate, principalmente no contexto do período do pós-guerra, quando havia um intenso debate sobre a reconstituição nacional. Pode-se inferir que, devido ao fato de Benedict ter se dedicado principalmente (mas não exclusivamente) ao estudo de sociedades que não possuem um sistema escolar formal (ao menos não nos moldes de nossas sociedades), seu trabalho acabou ressoando menos no campo educacional.

Gostaria de enfatizar, contudo, que suas discussões envolveram continuamente a questão da aprendizagem, compreendendo que os padrões culturais são aprendidos. O penúltimo capítulo de *O crisântemo e a espada* intitula-se “A criança aprende” e se volta de forma mais específica aos processos de aprendizagem da criança na cultura japonesa. Porém, como ocorre em toda sua obra, pensar a cultura do “outro” é sempre percebido como um ato que se desdobra na reflexão sobre “nossa cultura” também. Em outros termos, estudar a cultura do outro é sempre posto a partir da alteridade, o que também ocorre no debate em torno aos processos de aprendizagem.

A criança e o adolescente aparecem como sujeitos capazes de nos fornecer um olhar privilegiado sobre a cultura, na medida que ao observá-los podemos observar o processo paulatino de incorporação de um padrão cultural por meio do processo de socialização. Isso também nos possibilita pensar como os padrões de cultura que conhecemos em nossa própria sociedade não são universais, mas sim singulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longa tradição da antropologia em se voltar para os estudos de aprendizagem possuem um lugar chave para pensarmos a relação entre antropologia e educação, e de forma

ainda mais ampla, para pensarmos o lugar da antropologia na formação docente. Voltando-nos especificamente para a obra de Benedict, podemos observar que isso está posto desde os clássicos da antropologia.

Palavras-chave: Ruth Benedict; Antropologia da Educação; Estudos da Infância; Formação de professores.

REFERÊNCIAS

BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BENEDICT, R. **Padrões de cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005..

COUCEIRO, L. A. A.; ROSISTOLATO, R. Etnografia e tempo nos estudos educacionais.

Ilha Revista de Antropologia, v. 24, n. 2, p. 51-73, 2022.

GUSMÃO, N. M. M. Antropologia e educação: origens de um diálogo. **Cadernos Cedex**, v. 18, p. 8-25, 1997.

GUSMÃO, N. M. M. Entrelugares: antropologia e educação no Brasil. **Educação UFSM**, v. 34, n. 01, p. 29-46, 2009.

OLIVEIRA, A. **Etnografia para educadores**. São Paulo: Editora UNESP, 2023.

OLIVEIRA, A. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação. **Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade**, p. 69-81, 2013.

OLIVEIRA, A. Uma antropologia fora do lugar? Um olhar sobre os antropólogos na educação. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, p. 233-253, 2017.

ROSISTOLATO, R. A liberdade dos etnógrafos em educação e seu mosaico interpretativo.

Revista Contemporânea de Educação, v. 13, n. 26, p. 1-9, 2018.

VALENTE, A. L. Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional. **Pro-posições**, v. 7, n. 2, p. 54-64, 1996.